

Cidades

FOTOS: RODRIGO GAVINI/AT



MARGARIDA SÉRGIA, 52, conta que já conseguiu comprar guarda-roupa, televisão e armário para cozinha com o dinheiro que ganha vendendo os produtos reciclados que ela cria

A TRIBUNA COM VOCÊ EM **JARDIM TROPICAL**

Moradora transforma lixo em arte no bairro

Margarida Sérgio da Silva faz peças de artesanato e até acessórios como bolsas com materiais que encontra no lixo

Christina Kruschewsky

A moradora de Jardim Tropical, na Serra, Margarida Sérgio da Silva, 52, consegue transformar materiais que encontra no lixo em peças de artesanato. Ela é uma das funcionárias no projeto Recuperlixo, que funciona no bairro.

Com pedaços de plásticos e tecidos que encontra no lixo, ela contou que já faz peças para enfeites de casa e até acessórios como bolsas. Agora, Margarida está trabalhando em uma cortina que está

fazendo com garrafas pet que foram descartadas.

Margarida faz parte da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis da Serra, que funciona em Jardim Tropical.

Além dela, que é moradora de Jardim Tropical, moradores de outros bairros da Serra também fazem parte da associação.

“Eu trabalhei aqui antes e saí, mas acabei voltando porque é muito bom ter um trabalho. Já consegui comprar guarda-roupa, televisão, armário para cozinha e ainda vou poder dar a minha mãe uma festa de aniversário de 100 anos”, disse Margarida.

A coordenadora Maria do Carmo Cantilio Felipe, 53, explicou que objetivo do projeto é dar um meio de renda para pessoas desempregadas e ainda ajudar a preservar o meio ambiente.

“Muitos deles não sabem ler, nem escrever. Aqui eles encon-

tram a oportunidade de ter um trabalho”, comentou.

Maria do Carmo ainda contou que a ideia é intensificar o trabalho de artesanato, ensinando todo o grupo a criar peças com os materiais descartados. “Nada se joga fora, tudo se aproveita”, disse. O único problema é que a associação ainda não tem condição de pagar um professor para ensinar a todos.

Os materiais encontrados como plástico, papelão, jornal, papel branco, sucata e alumínio vêm do lixo de empresas que funcionam na Serra, com apoio da prefeitura do município, e que são buscados com caminhões pela própria Recuperlixo.

Na associação, o grupo faz a triagem do material e depois vende para os que eles chamam de “atravessadores”, que são as empresas que compram os materiais depois de prensados.

HISTÓRIA DO BAIRRO

Invasão de loteamento

- O LOTEAMENTO Jardim Tropical foi aprovado no dia 24 de março de 1955, com uma área de 1.100 lotes.
- ÁREAS verdes e grande parte do loteamento foi invadido. Na década de 60, a ocupação ficou conhecida como Cantinho do Céu e, mais tarde como Concheiras.
- NO DIA 16 de março de 1986, os moradores se reuniram e resolveram escolher um novo nome para o bairro. Os mais votados foram Jardim Tropical, Ipiranga, Mestre Álvaro, Planalto, Jardim Anchieta e Nova República.
- DOIS dos primeiros moradores foram os irmãos Jair Nunes e Ilda Nunes de Almeida, que passaram a residir no local quando ainda não havia água, luz, nem ruas pavimentadas.

ONDE ESTÁ A URNA

Sugira uma reportagem

Os moradores de Jardim Tropical podem sugerir reportagens e reivindicar melhorias. Basta depositarem as dicas na urna do projeto **A Tribuna com Você**, com nome e telefone, na Banca Stylus, na avenida Dido Fontes, s/nº.

AS RECORDAÇÕES



JAIR não tinha água encanada

Comunidade católica

O morador Jair Nunes de Almeida, 72, contou que foi um dos fundadores da comunidade católica no bairro, quando chegou, na década de 70, quando só haviam quatro casas no bairro. “Sem água encanada, construí uma cisterna de 16 metros de altura no quintal”.

Ele contou que ainda nessa década, é que os lotes começaram a ser invadidos. “Com medo de que as ruas fossem invadidas também, o prefeito mandou fazer terraplanagem e abrir as ruas do bairro”.



MARIA: faltava escola no bairro

Sem posto de saúde

Vivendo em Jardim Tropical há quase 50 anos, Maria da Penha André Moronário, 59, disse que foi o seu pai quem adquiriu o terreno onde ela mora. “Ele juntou o dinheiro com muita dificuldade, trabalhando como meeiro em Ibraçu, onde morávamos”.

Segundo ela, as maiores dificuldades de quando chegou ao bairro eram a falta de escola, e de posto de saúde, que ainda não existiam no bairro. Para conseguir atendimento médico, ela contou que ia até Vitória.

“Não saio daqui, foi aqui que criei as minhas filhas, e aqui também, estão crescendo meus netos”, disse.